

O Segundo É o segundo boletim. Mas a intenção primeira permanece: tratar temas e divulgar posições respeitantes à vida no ensino artístico especializado - seus professores, demais trabalhadores e alunos. Desta vez olhamos o panorama nas escolas tendo como pano de fundo a pandemia de Covid 19. E discutimos as medidas que, partindo de uma situação excecional, aproveitam a oportunidade para aprofundar a condição de “pau para toda a colher” a que os professores vão sendo sujeitos. Lê, divulga, discute, concorda e discorda. Mas não deixes de ter opinião e de a fazer chegar aos autores destas páginas de reflexão e propósito: a célula do PCP na EACMC.

Ai aguenta, aguenta – uma crónica sobre o conteúdo funcional da profissão docente

De acordo com o recente **relatório da comissão europeia intitulado “Professores na Europa – Carreiras, Desenvolvimento e Bem Estar”**, que abrange o período entre 2018 e 2020, **o stress provocado pelo trabalho é um dos maiores problemas que afeta os professores europeus**. Portugal ocupa, vergonhosamente, o lugar cimeiro no que se refere às queixas dos professores relativamente ao stress sentido: cerca de 90% dos professores portugueses mencionam sofrer de stress, sendo, em percentagem, o dobro dos restantes países da União Europeia. É assumido no relatório que **a profissão docente tem vindo a sofrer uma crise vocacional**, com cada vez menos jovens a procurarem a profissão e um número cada vez maior de professores experientes a abandonarem a profissão. Ao lermos o relatório, apenas confirmamos em texto aquilo que há muito vamos verificando no dia a dia do exercício da profissão. Os professores têm visto serem aumentadas sobre eles as exigências, as responsabilidades e as expectativas.

Porque carregam os professores portugueses níveis elevados de stress, com forte impacto na sua saúde mental e física? O relatório dá a resposta. No topo das razões e por ordem encontramos: tarefas administrativas, constantes mudanças nas exigências vindas de superiores hierárquicos, responsabilização pelo sucesso dos alunos, excesso de avaliações feitas pelos alunos e a manutenção da disciplina dentro da sala de aula. Poderá parecer estranho a quem não assiste ou desconhece a vida de um professor, mas **dentro do tempo despendido em todas as tarefas, os docentes europeus dedicam menos de metade do seu tempo a ensinar** e a proporção deste tempo diminui quanto mais horas o professor trabalha. É dito assim, preto no branco, pelo referido relatório europeu.

Vamos para o terreno. Elenquemos algumas das tarefas e competências que muitos professores têm sido levados a realizar, contra aquilo que é ou devia ser o seu conteúdo funcional: **matrículas de alunos, inventariação de material diverso, inquéritos, estatísticas, análises de dados, júris de processos de recrutamento de assistentes operacionais, avaliação de colegas, respostas a requerimentos ou reclamações que implicam algum domínio de linguagem jurídica**.

Não deixa de ser curioso que **a mesma europa que leva a cabo o estudo acima mencionado, vai criando instrumentos, como o EQAVET** que visa, supostamente, promover o aperfeiçoamento dos sistemas europeus de ensino e formação profissional, ou ferramentas, como a SELFIE cujo objetivo é ajudar as escolas a avaliarem a sua situação no que diz respeito à aprendizagem na era digital, que implicam um alargado número das tais tarefas burocráticas, quase sempre **levadas a cabo por equipas de professores, causadoras do enfraquecimento da saúde mental e física dos docentes**.

Até quando aguentamos nós esta pressão? Quanto desrespeito pelo ensino e pelo nosso conteúdo funcional estamos nós disponíveis para aceitar? Até quando estamos disponíveis para prejudicar involuntariamente os nossos alunos, roubando-lhes tempo precioso na preparação das suas aulas e dos seus materiais de aprendizagem, no apoio ao seu desenvolvimento e crescimento enquanto cidadãos informados, em favor de tarefas não raras vezes estérteis. A resposta terá de ser dada em contexto de coletivo, nunca esquecendo, porém, que **os coletivos não são entidades abstratas, são feitos de indivíduos**, indivíduos esses que exercem uma mais fundamentais profissões de uma sociedade que se diz civilizada: a profissão docente. Não queiramos dar razão a uma frase tão badalada há uns tempos, dita, ainda que noutra contexto, por um certo banqueiro, “Ai aguenta aguenta”.

Digital, de dedos

Talvez a mais evidente ilustração da **“transição digital”** sejam aquelas mochilas cúbicas, coloridas, que atravessam as ruas das nossas cidades. Vão **às costas dos escravos “2.0” dos nossos dias**, tocados a golpes de chicote de algoritmos. No novo quadro da luta de classes “digital”, quem manda quer reforçar a acumulação de mais-valias.



Por isso é que **“transição digital”** que não seja o uso de uma ferramenta de trabalho **corre o risco de ser um instrumento de acentuação das desigualdades**. “Transição digital” que não seja fator de melhoria das condições de vida neste mundo é um **retrocesso civilizacional**, é um paradoxo.

Não faltará quem considere este discurso uma atualização da fala do Velho do Restelo. Mas enganase. O Velho tinha medo do horizonte, aqui apela-se à racionalidade no emprego de meios financeiros na “digitalização” do sistema educativo, numa modalidade de ensino em que a proximidade assume um papel determinante no processo educativo. No ensino de instrumento estamos melhor

longe de ecrãs. Mas em outras áreas do ensino musical poderão ser assinaladas vantagens na utilização da ferramenta digital, enquanto extensão das aprendizagens em sala de aula. É o caso, a título de exemplo, da realização de tarefas de alguma educação auditiva. Assim consigam identificar tais utilidades os titulares das comissões, os fazedores de inquéritos, os relatores, os avaliadores desentusiasmados a quem foi atribuída a tarefa “digitalizadora”.

Não nos iludamos, porém. Do que o ensino artístico especializado precisa mesmo - mais do que do acesso à realidade virtual - é de solução para carências reais.

Precisa de dispor, nas escolas e para cedência aos alunos, **dos instrumentos móveis de elevado custo** que

as famílias não têm possibilidades de adquirir. **Precisa de ver conferida às profissões artísticas a segurança laboral** que a pandemia veio provar não existir (para que os alunos não tenham razões para temer a opção pelo trabalho artístico). **Precisa de garantir a todos os alunos da rede de ensino a frequência do tempo de aula de instrumento** que a lei consagra. **Precisa de valorização profissional dos docentes**. O Programa de “transição digital” a que se refere a Resolução do Conselho de Ministros n.º 30/2020 contempla “a disponibilização de equipamento individual para utilização em contexto de aprendizagem”. Boa ideia. Mas, conforme ficou dito, não é só de computadores que se trata.

Altura, duração, intensidade e timbre:

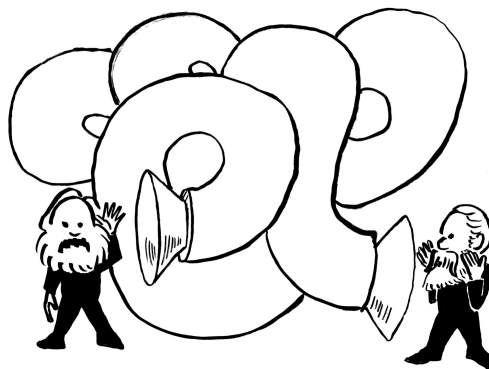
breve apontamento sobre o ensino artístico especializado da música em tempos de pandemia

Não nos iremos debruçar sobre as diferenças qualitativas entre interfaces, softwares ou plataformas. Trataremos aqui de um formar de opinião refletida comprometida com **a experiência dos tempos de confinamento** em que aluno e professor apenas se visitavam por meio de um ecrã de computador.

A experiência de fazer passar os **4 atributos físicos do som** por um cabo de fibra ótica em tempo real foi um fracasso que não se haveria de resolver com o melhor microfone do mercado ou com a ligação de internet mais veloz. **A quantidade de informação vertida por um instrumento acústico é de tal forma imensurável** que é necessário descaracterizá-la para a poder transmitir. As perdas ocorriam à vez ou em simultâneo: do corte de alturas agudas, à normalização das dinâmicas, da dessincronia do ataque à total desconfiguração do timbre. Embora a transição digital seja hoje uma realidade, muito terá de caminhar para abarcar a tecnologia dos instrumentos vindos dos séculos primeiros da nossa era. Juntando os 4 atributos físicos que figuram no título deste pequeno texto encontraremos a palavra som. Percebemos finalmente que a interação com o fenómeno sonoro só se exprime *ex tempore*, **num tempo real que mais que imediato, é o tempo da criação**. É óbvio que os milhares de horas de música gravada nos merecem a maior atenção, mas a sua qualidade reside na possibilidade de fixação do fenómeno sonoro e não sua interação, condição imperativa na tarefa de ensinar. **Ensinar um instrumento musical é uma realidade tangível, dedilhada da forma mais analógica que a humanidade pôde exprimir**. Não há aqui qualquer desprezo para com os meios tecnológicos, até porque se os meios – do latim *media* – são os instrumentos, a tecnologia – o *logos* discursivo sobre a técnica – é precisamente aquilo que de mais próximo existe com uma aula de instrumento.

A pandemia mostrou que, apesar dos esforços para a transição digital, **nem toda a realidade se inscreve na linguagem binária de zeros e uns** e, acima de tudo, que a redução e simplificação de fenómenos complexos pode

ser, metodologicamente, um passo importante para a sua compreensão, mas não necessariamente para o seu domínio quer do ponto de vista performativo, quer do ponto de vista formativo.



Um olhar escurrito sobre a problemática desfere a certeza que um professor que tenha suficiente domínio técnico sobre o seu instrumento está já munido de todos os meios tecnológicos para a tarefa que se propôs realizar e que o domínio dos meios informáticos não poderão, pelo menos num futuro próximo, substituir.

Se tudo foi insuficiente no ensino à distância? Talvez não. **Habitados que estamos a encontrar algo de positivo no meio da mais profunda adversidade**, podemos dizer que as manutenções de ligações pedagógicas, de rotinas horárias, de hábitos de proximidade com o trabalho instrumental tiveram, como não podia deixar de o ser, efeitos mais positivos que o voto ao mais pleno abandono. Contudo, não será confortável dizer que a tarefa de ensinar música se fez com proveito claro dos alunos. À luz da opinião pública a classe docente justificou o seu salário e fê-lo bem, num esforço que envolveu famílias, prejuízo do erário dos próprios e inúmeras horas de aprendizagem de novos media e novas tecnologias; **mas não é possível afirmar que de forma alguma tenha existido uma melhoria das aprendizagens ou uma concretização plena do trabalho presencial** a que, ainda com limitações, felizmente retomamos.